

DAS ENTRELINHAS DA UNIVERSIDADE AO ENTRELINHAS: FABULAÇÃO E NARRATIVAS

FROM THE UNIVERSITY TO A WRITING CLUB: INVENTION AND NARRATIVE

Amanda de S. XAVIER (Universidade de Brasília – UnB)
Laeticia M^a. F. P. MONTEIRO (Universidade de Brasília – UnB)

No icônico texto “O Direito à Literatura”, Antonio Candido trata da necessidade humana da “fabulação” e a utiliza na defesa da importância da literatura. Entretanto, é defendido apenas o direito a ler. Em contrapartida, entendemos que a necessidade ficcional pode ir além da leitura e abarcar, também, a criação. Assim, defendemos o direito a escrever. Em nossa pesquisa, deparamo-nos com o fato inquietante de que, nos cursos de Letras de modo geral, ainda que a literatura seja uma arte, enfoca-se a teoria em detrimento da prática. A consequência disso é uma diminuição das oportunidades de desenvolvimento de nossa necessidade de fabulação, em um ambiente que deveria ser terra fértil. Ademais, essa abordagem parcial da literatura reduz tanto o espaço para a criatividade quanto o espaço para o sensível, cuja ausência é agravada por se tratar de uma arte. Portanto, partindo desse problema, propomos a escrita criativa como forma de atender a essa demanda tripla por direito à literatura e à escrita, estímulo à criatividade e desenvolvimento do sensível. Finalmente, como paliativo para as lacunas citadas, fundamos o Entrelinhas – Clube de Escrita Itinerante, que busca trazer a fabulação para o cotidiano, valorizando e democratizando a criação de narrativas.

Palavras-chave: Ensino. Escrita Criativa. Literatura. Letras. Universidade.

Introdução

Apesar de todas as crises sociais, políticas e econômicas que vivemos neste momento no Brasil e no mundo, apesar da constante desvalorização das humanidades e das artes, apesar do descaso com a educação, defende-se o direito à literatura. Melhor dizendo, o direito ao acesso à literatura, bem como a importância da literatura e de suas funções, vem sendo descrito e defendido por diversos autores nacionais e internacionais. Porém, percebe-se que, de modo geral, a bandeira que se levanta é aquela do acesso à *leitura da literatura*, o que nos insere em um contexto que pode ser um tanto quanto confuso sobre a visão da literatura em nossa sociedade.

Compreende-se que a literatura é uma arte. Contudo, diferentemente do que ocorre com as outras artes, que têm sua teoria, sua crítica e sua prática ensinadas, os aspectos práticos da literatura são quase completamente apagados nos ambientes de formação. No ensino fundamental II e no ensino médio, vemos a literatura como uma leitura que busca por respostas a questões extratextuais, geralmente de cunho social ou histórico, e vemos também o ensino da historiografia literária. Na universidade, deparamo-nos com um forte incentivo à crítica, com o estudo da teoria crítica, com um aprofundamento da historiografia literária e das diversas áreas do conhecimento, às quais a literatura se conecta. É apenas nas séries iniciais do ensino fundamental I que a literatura é explorada em seus aspectos sensíveis: criatividade, afetividade, vontade, sensorialidade. As crianças são levadas a ver a leitura como diversão e como brincadeira, são incentivadas a criarem histórias ou a terminarem de contar histórias que outrem começou, são estimuladas a conhecerem diferentes gostos, texturas e sentimentos pelos livros, mas esse

trabalho não é continuado e, talvez, seja até mesmo um tanto desfeito nos estágios seguintes.

O que observamos em nossa formação acadêmica na Universidade de Brasília (UnB), cada uma à sua maneira — uma vez que uma de nós se graduou em Letras Português, e a outra, em Letras Tradução Inglês —, foi um crescente predomínio dos aspectos intelectuais no estudo da literatura. Assim, ela vem sendo abordada mais como *apenas* uma ciência social do que como uma arte e uma ciência social. Surge daí a motivação para esta pesquisa, pois, além de nossas próprias experiências, ainda hoje chegam a nós relatos de colegas que, ao longo de suas trajetórias nas graduações em Letras da UnB, vivenciaram questões semelhantes.

Encontramos leitores que detestavam aulas de literatura, encontramos leitores que, com a imposição da “alta literatura”, sentiam-se constrangidos e menores ao continuarem lendo aquilo de que gostavam e, o que mais concerne ao escopo deste estudo, encontramos leitores-escritores que chegaram ao fim do curso sem mais escrever, com seu processo criativo atrofiado. Inclusive, a maioria desses estudantes costumava guardar para si tais constatações, temerosos de possíveis julgamentos. Muitos ainda estariam em silêncio se não tivessem sido abordados em contextos informais sobre sua relação com o curso. Assim, verificou-se que essas ocorrências pareciam ser mais comuns do que a princípio imaginávamos, quando estávamos em contato somente com as nossas próprias experiências.

Tudo isso se converteu em uma inquietação mútua, pois vimos como os moldes atuais que priorizam a teoria e a crítica em detrimento da prática, moldes que enfocam o intelectual e quase ignoram o sensível, podem resultar facilmente na diminuição das oportunidades de desenvolvimento em um ambiente que deveria ser terra fértil. Ademais, essa abordagem parcial da literatura reduz tanto o espaço para a criatividade quanto o espaço para o sensível, cuja ausência é agravada por se tratar de uma arte. Portanto, acreditamos que é importante preencher essas lacunas, que hoje estão instauradas na universidade como um todo, e não apenas nas Letras. Se nós que lutamos pelas artes e pelas humanidades não levantarmos essa bandeira, quem a levantará?

Comumente se fala, em nosso meio, sobre a importância do pensamento crítico para a compreensão dos processos de manipulação que sofremos, tudo com o intuito de percebermos a realidade e nos blindarmos contra suas armadilhas; é daí que tantos falam vir o poder e a importância da literatura. Entretanto, se não incentivarmos também o pensamento criativo, de que maneira pretendemos, de fato, mudar a realidade em vez de sermos apenas sufocados pelo caráter opressor e aparentemente imutável de suas tragédias? Se não mudarmos nossa relação com a sensibilidade, como poderemos criar ambientes mais saudáveis em nossas instituições?

O mínimo de que necessitamos é organizar nossa visão de mundo diante desse cenário; nesse sentido, coloca-se a defesa da literatura de Antonio Candido e também a de Michele Petit. No texto em questão, Candido trata, de forma um pouco discutível, a literatura como fabulação. Da maneira como está escrito, o texto, ao chamar diferentes artes de literatura, termina por descaracterizá-las, pois dá a entender que todas seriam literatura. Petit, por sua vez, trata da importância do devaneio, da abertura para apropriar-se do que é lido e criar a partir dali, isto é, o direito à prática literária. Isso posto, a literatura serve como forma de atender tanto à demanda de fabulação — aqui acreditamos ser importante tratar fabulação e

literatura como as coisas diferentes que são – quanto à demanda da criatividade. Afinal, a criatividade, como atesta Fayga Ostrower, é intrínseca ao ser humano, e realizá-la também é uma necessidade (1987, p. 26).

É por isso que nosso foco recaiu não sobre a leitura, mas sobre a escrita, por entendê-la como forma de participar do processo de fabulação em si e não apenas do processo de recepção (ainda que ativa) daquilo que foi fabulado por outro; como forma de atender e desenvolver nossa necessidade de criatividade; como forma de se engajar com o processamento emocional e intelectual de nossa realidade; como forma de se conhecer por dentro os recursos do texto e, assim, também desenvolver de maneira mais sutil habilidades críticas e conhecimentos teóricos. Desse modo, enxergamos a escrita como algo que é capaz de englobar com bastante abrangência os diferentes aspectos intelectuais e sensíveis da literatura.

Por fim, apesar de todas as crises sociais, políticas e econômicas que vivemos neste momento no Brasil e no mundo, apesar da constante desvalorização das humanidades e das artes, apesar do descaso com a educação, defende-se o direito à literatura. Porém, de modo geral, a bandeira que se levanta é a do acesso à *leitura da literatura*. Só que nós, como já dito, entendemos que a necessidade fabulativa pode ir além da leitura e abarcar, também, a criação. Portanto, é apesar de todos esses apesares e também por causa deles que erguemos o estandarte do direito à escrita. Para esse fim, criamos o Entrelinhas – Clube de Escrita Itinerante, um projeto simples e ainda pequeno, que aspira participar da democratização do acesso à *criação da literatura*, por a enxergarmos como parte fundamental da literatura.

Literatura e fabulação

“Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (1995, p. 176), diz Antonio Candido em seu icônico e aclamado texto “O Direito à Literatura”. Neste, Candido, incumbido de tratar sobre a relação entre literatura e direitos humanos, postula a raiz de tal relação como advinda do fato de que a fabulação é uma necessidade humana e, portanto, a literatura também. Isso porque ele trata a literatura de forma bastante ampla: igualando-a à fabulação. Inclusive, Candido discorre sobre como essa contação de histórias, essa habilidade narrativa e criativa, está tão presente e enraizada que sequer percebemos, por exemplo em jornais e piadas (1995, p. 174).

Candido utiliza esse fato para mostrar que, da mesma forma que precisamos do sonho para processar os eventos da vida quando dormimos, precisamos da literatura para processar os eventos da vida quando acordados. Isto é, necessitamos da literatura para sermos capazes de organizar e estruturar nossas existências; para ele, a literatura é uma forma de superação do caos:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência,

mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (1995, p. 179)

A antropóloga Michele Petit, que realizou um estudo sobre os impactos da literatura em locais de crise, chegou a conclusões muito semelhantes. As crises às quais se refere são diversas e abrangem a humanidade como um todo, pois Petit fala da aceleração das transformações, do crescimento das desigualdades e das disparidades, das migrações, de zonas de guerra e de marginalização; ela trata de diferentes situações capazes de vulnerabilizar homens, mulheres e crianças. Vale ressaltar que a autora admite que esse processo de fragilização ocorre de “maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que [as pessoas] dispõem e segundo o lugar onde vivem” (2005, p. 11).

O que essas crises e rupturas têm em comum, segundo Petit, é o fato de que “confinam [quem as vive] em um tempo imediato — sem projeto, sem futuro —, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a auto-estima” (2005, p. 11). Sobre o papel da literatura na resolução dessas crises, ela questiona:

A leitura pode garantir essas forças de vida? O que esperar dela — sem vãs ilusões — em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas? (ibid.)

E, então, chega à conclusão de que os indivíduos que vivem nesses cenários “poderiam redescobrir o papel dessa atividade [a leitura literária] na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma” (PETIT, 2005, p. 11). Entretanto, ela mostra como a literatura não é a única capaz de atuar na reconstrução dos sentidos ao comentar que:

Mitos, contos, lendas, provérbios, cantos, refrões permitiam-lhes, em certa medida, simbolizar emoções intensas ou acontecimentos inesperados, representar conflitos, dar forma a paisagens interiores, inserindo-se ao mesmo tempo em uma continuidade, uma transmissão. Construir um sentido. (ibid.)

Isso se conecta bastante ao que Candido defende quando diz conceber a literatura “da maneira mais ampla possível”, ou seja, como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (1995, p. 174).

Em um primeiro momento, “O Direito à Literatura” soa-nos bastante elogioso, mas o que fica nas entrelinhas é que se acaba nublando os limites que diferenciam todos esses diversos tipos de narrativa ou de textos ao chamá-los todos de literatura — quando, na verdade, as diferentes culturas às quais eles pertencem originalmente podem ter maneiras distintas de definir suas próprias criações. Por isso, dentro de nossos questionamentos, a conclusão a que chegamos é a de que poderíamos simplesmente focar no fato de que todos esses tipos de *fabulação* são capazes de saciar a *necessidade de fabulação* do ser humano.

Isso é diferente daquilo que é defendido no “Direito à Literatura”, conforme podemos observar no excerto mais acima. Contudo, ainda que nós, tal qual Petit, vejamos a diferença entre a fabulação e a literatura, escolhamos a literatura — dentre as outras tantas — como nossa forma de fabulação, como nossa forma de organizarmo-nos interiormente para superar o caos do mundo, como diria Candido.

Outra diferença entre as leituras de Candido e de Petit sobre o papel da literatura e da fabulação em nossas vidas está no fato de que, ao passo que Candido defende a leitura e a recepção da literatura, Petit defende outros tipos de apropriação do texto, de acordo com o trecho a seguir:

A partir daí, as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. **Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais.** Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora. (2005, p. 15, grifos nossos)

O que se depreende da citação de Petit é o poder da literatura de evocar um movimento de criação, ou seja, um movimento de fabulação, uma capacidade de ser o agente que tira do caos o sentido. Afinal, como vemos nas palavras de Candido: “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. [...] A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar, em seguida, a organizar o mundo” (1995). Petit relata, inclusive, e diferentemente de Candido, que a organização do mundo ou a reconstrução das paisagens internas poderia se dar por meio de apropriações singulares que até mesmo se desviam dos textos lidos, pois são geradas nos vínculos secretos das questões entre o leitor e o texto. Nesse sentido, ela conta que:

Nossos interlocutores se referiam a alguma coisa mais abrangente do que as acepções acadêmicas da palavra “leitura”: aludiam a textos que tinham descoberto em meio a um tête à tête solitário e silencioso, mas também, algumas vezes, a leituras em voz alta e compartilhadas; a livros relidos obstinadamente, e a outros que haviam somente folheado, apropriando-se de uma frase ou de um fragmento; aos momentos de devaneio que se seguiram à relação de convívio com a escrita; às lembranças heterogêneas que ali encontravam, às transformações pelas quais passavam. **Mais do que a decodificação dos textos, mais do que a exegese erudita, o essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas.** (2005, p. 12, grifos nossos)

Ainda que fabulação não seja o termo usado por Petit, entendemos que esse “trabalho de pensar, de devaneio”, do qual ela fala, relaciona-se intimamente com a fabulação. Detemo-nos, pois, nesse ponto em que ela afirma que o essencial da leitura está na fabulação.

Para mais, admitimos que, claramente, o trabalho da crítica literária é uma forma de fabulação e exige alguma dose de criatividade. Afinal, é uma forma de encontrar sentidos vendo o texto por ângulos novos. Inclusive, Ricardo Piglia já indicava a aproximação entre o fazer da crítica e o fazer da literatura ao afirmar que “a crítica é a forma moderna da autobiografia”, que “a pessoa escreve sua vida quando crê escrever suas leituras” (2004, p. 118).

Ainda assim, em se tratando de uma arte, acreditamos ser necessário, também, levar em consideração a sua prática. Portanto, a hegemonia da crítica sobre a prática, a hipertrofia do intelecto lado a lado com a atrofia do sensível, levam-nos a pensar se a escrita não poderia ser uma forma de sanar alguns desses problemas.

Resumidamente, por meio da escrita, somos capazes de: dar vazão aos momentos de devaneios, satisfazendo nossa fabulação; dar espaço para o surgimento de associações inesperadas, estimulando nossa criatividade; reorganizar nossas paisagens internas, reconstruir a nós mesmos e, também, tirar do nada uma articulação que supere o caos, suprimindo nossas demandas emocionais e afetivas e usando-as como gatilhos para a escrita. Tudo isso — que se relaciona muito ao aspecto sensível — sem deixarmos de desenvolver uma nova relação com os textos por meio da compreensão de seus mecanismos de construção, o que aumenta também nossa capacidade crítica sobre a literatura.

Por fim, podemos citar as palavras de Vinciane Despret no artigo “O que diriam os animais se...”, em que ela trata do fato de que a vida, o que inclui a ciência (seu foco nesse artigo), é feita de histórias. Despret afirma que laços entre pessoas e pessoas carregam histórias, bem como aqueles entre pessoas e textos, entre pessoas e acontecimentos, entre pessoas e animais, e assim por diante. Aponta, ainda, que “são laços que carregam histórias, no duplo sentido do termo: o de história e o das histórias, que são laços que tecemos entre os acontecimentos que lhes dão um sentido, dentre as quais algumas encantam o mundo” (2016, p. 3). E, a seguir, declara que “precisamos dessas histórias” (ibid.), corroborando Petit e Candido.

A antropóloga Deborah Rose, mencionada por Despret, escreve em um livro sobre cães selvagens “que o amor em tempos de extinção nos obriga a colocar outras questões, a encontrar outras histórias, a criar outros laços”. E nós podemos dizer o mesmo. O amor em tempos de crise nos obriga a colocar outras questões, encontrar e contar outras histórias, criar outros laços. Diferentemente do que costumamos escutar no nosso meio, para superarmos as crises, não precisamos apenas de pensamento crítico, mas também de sensibilidade e criatividade, o que nos leva ao nosso próximo tópico.

As entrelinhas da universidade

Quais são as práticas da universidade no ensino de Letras hoje? E que mensagens tais práticas aparentemente nos revelam?

Ítalo Moriconi, no prefácio à edição brasileira de **Para ler como um escritor** de Francine Prose, ao tecer comentários sobre a diferença entre os cursos de literatura no Brasil e os nos países de língua inglesa, comenta que, nestes últimos, “**a literatura interessa como arte**. Arte da palavra, arte da escrita, arte da potência verbal” (PROSE, 2008, p. 7, grifos nossos) e que, diferentemente do que ocorre com o tipo de estudo que predomina no Brasil, “nos cursos de criação literária o que interessa é o texto em si, não o seu contexto histórico e muito menos sua discussão em função de temas intelectuais, provenientes das ciências humanas ou da filosofia”

(ibid., p. 7). Não que tais abordagens não sejam igualmente fundamentais. Porém, tal afirmação, ainda que corriqueira, é suficiente para descrever o panorama em que nos encontramos: o de que a literatura é mais estudada como um objeto de estudo científico, aos moldes das ciências sociais, do que como uma arte.

É claro que o problema que enxergamos não está em estudar literatura como uma ciência social, em ler um texto criticamente, em estudar seu contexto histórico, político ou econômico, em esmiuçar o estilo de seu autor, em descobrir a filosofia que se depreende do texto, descrever escolas literárias ou quaisquer outras práticas que se veem comumente em ambientes de formação. O problema está na grande predominância dessas técnicas e no pouquíssimo espaço para o estudo da literatura por vieses mais artísticos, isto é, modos de estudo que contemplem a criatividade e a sensibilidade inerentes às artes (e também aos seres humanos).

Rosas, inclusive, acredita que “é no terceiro grau onde menos se fala e pensa em criatividade. Excetuando-se as escolas e/ou departamentos de artes, parece que os demais professores têm muito mais o que fazer do que se preocupar com a imaginação, fantasia e criação” (ALENCAR apud ROSAS, 1997, p. 2). Contudo, não é isso que acontece em Letras. A literatura segue quase exclusivamente direcionada à crítica e à teoria, enquanto a criatividade é posta para escanteio. Por outro lado, nos cursos de Teatro, Música, Artes Plásticas, Artes Visuais, dentre outras artes, desenvolve-se a teoria junto à prática artística. Desse modo, integra-se a sensibilidade do estudante e se estimula a sua criatividade. Por que os demais cursos dedicados às artes contemplam a prática e o artista enquanto em Letras persiste a ideia de que não se pode ensinar e aprender o fazer literário?

É possível ler uma série de mensagens nas entrelinhas da universidade. Algumas dessas mensagens que chegam até nós apontam uma crença de que o fazer literário é para poucos eleitos, que não é possível ensiná-lo ou estimulá-lo nem mesmo como um passatempo. Outra mensagem parece dizer que só algumas vozes têm o direito de se expressarem e serem ouvidas. Nenhuma dessas mensagens chega até nós com leveza.

Ademais, é importante perceber que não é apenas a criatividade que fica de lado, mas também a sensibilidade, os afetos. Retomemos, então, as palavras da psicanalista Marie-France Castarède citadas por Petit, “O sensível perdeu lugar para o conhecimento” (PETIT, 2009, p. 28). É necessário desenvolver um espaço cultural que sirva de contraponto ao “mundo da inteligibilidade da ciência tecnológica” (ibid.). Vamos mais além e afirmamos que é necessário que esse espaço cultural seja um aliado no desenvolvimento da afetividade para que não continuemos vivendo sob o jugo da hipertrofia do intelecto denunciada também por Susan Sontag em seu livro **Contra a interpretação**.

É curioso que essa questão da falta de sensibilidade na Academia não é sentida como uma perda apenas no estudo das artes, como podemos ver na crítica feita por Paul Feyerabend à noção falaciosa de que a ciência é livre de enganos, homogênea e produtora de “fatos ‘estáveis’” (2011, p. 28). Isso pode ser ilustrado com o seguinte excerto de seu texto:

A religião de uma pessoa, por exemplo, ou sua metafísica, ou seu senso de humor [...] não podem ter a menor ligação com sua atividade científica. Sua imaginação é restringida, e até sua linguagem deixa de ser a sua própria. Isso se reflete na natureza dos “fatos” científicos, experienciados como independentes de opinião, crença e formação cultural. (ibid., grifos nossos)

Se até dentro de ciências mais duras a separação total entre o sensível e o racional não passa de fantasia, que dirá dessa separação nas artes?

Comentando essa separação entre o mundo da razão e o da sensibilidade em contextos de formação, Petit acrescenta que “na escola, por um longo período, estudou-se literatura como algo exterior, que não é vivido, constatado, sentido. Algumas abordagens são até mesmo voltadas para aprofundar a distância com o corpo, repudiar toda a emoção, vista como um desvario perigoso” (PETIT, 2009, p. 28). O questionamento que se levanta dessa fala de Petit é: como se aproximar de uma obra de arte sem dar espaço para o sensível e o criativo e ao trazer uma mentalidade racionalizante e analítica que disseca e explica muito mais do que vive?

Outrossim, além da relação entre o intelectual e o sensível, é imperativo que nos demoremos também na importância da criatividade. Em primeiro lugar, seu cultivo não é benéfico apenas para as artes, mas o é mesmo para as ciências exatas, que não são tão exatas assim, conforme podemos perceber na fala de Feyerabend a seguir. “A pesquisa bem-sucedida não obedece a padrões gerais; depende, em um momento, de certo truque e, em outro, de outro; [...]” (2011, p. 27). Com isso, indica-se a existência de um grande fator de imprevisibilidade na ciência **apesar** do método científico e que, para se lidar com tal imprevisibilidade, é preciso de um novo olhar, de um pensamento criativo.

O pensamento criativo não é apenas uma necessidade para a vida coletiva, mas também para a individual. Tal qual é visto nos estudos de Ostrower, a criatividade se trata de um potencial inerente ao ser humano, e realizar esse potencial, como dissemos na introdução, é uma de suas necessidades. Isso equivale a dizer que, diferentemente do que a universidade parece nos transmitir, a criatividade é para todos. Ostrower reconfirma a relevância da criatividade em áreas que vão além do fazer artístico ou do fazer científico. Ela atesta que as potencialidades e os processos criativos participam da esfera do trabalho na medida em que o “‘criar’ tem de ser visto no seu sentido total, ou seja, algo que está integrado ao estilo de vida do ser humano” (1987, p. 26), pois:

O homem elabora seu potencial criador através do trabalho. É uma experiência vital. Nela o homem encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas. A criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas. (ibid.)

E a dureza do déficit criativo na universidade poderia ser apenas uma das consequências de algo maior, já que, ainda de acordo com Ostrower:

Também no mundo inteiro, podemos constatar existir hoje uma profunda crise de criatividade. Ela é acompanhada de um empobrecimento e de uma redução da própria qualidade de vida, apesar de sem dúvida dispormos agora de conhecimentos e riquezas materiais incomparavelmente maiores do que em qualquer época histórica anterior. E se analisarmos o conteúdo expressivo da arte contemporânea, chegamos a conclusões bem curiosas: muito ao contrário de um senso de euforia ou de satisfação por tantas riquezas maiores, veremos que as características da arte moderna são: o medo, a ansiedade, o desespero.

Neste ponto, em que falamos do medo, da ansiedade e do desespero, voltamo-nos às palavras de Despret, ao fim da seção anterior, para dizer que é preciso contar novas histórias, que é preciso termos novos olhares e darmos lugar a novas vozes. E é acreditando nisso e defendendo que o direito à literatura englobe também o direito à escrita, e não apenas à leitura, que criamos o Entrelinhas.

Entrelinhas – Clube de Escrita Itinerante

Durante nossos processos de retomada da escrita e da criatividade, fomos levadas a idealizar iniciativas que, antes de se materializarem com o Entrelinhas, já habitavam nossos pensamentos. Assim, quando nos unimos para dar vida a essa demanda interior e exterior, juntamos nossas expectativas e experiências pessoais como as leitoras-escritoras que sempre fomos para fundarmos um espaço descontraído, em que as pessoas encontrassem acolhimento para escrever livremente e sem julgamentos. O Entrelinhas almeja ser esse espaço; nele, nossas aspirações têm se transformado em muito mais e nos dado provas do que a escrita criativa pode fazer pelas pessoas.

Dessa maneira, o Entrelinhas tem atendido a algumas demandas. Ele tem ajudado a nós e aos interessados que dele participam – sejam eles das Letras, sejam de outras áreas – a alimentarmos a criatividade e a prática. Assim, abrimos espaço para desenvolvê-las para aqueles que não tiveram essa oportunidade nem na universidade nem fora dela. Afinal, desde nossa entrada na graduação até hoje, já graduadas e seguindo o mestrado, não o encontramos na maior parte do meio universitário e acadêmico. Além disso, o cenário da escrita criativa em Brasília ainda é extremamente embrionário. Eventualmente, escritores de fora vêm ministrar oficinas, mas as baseadas aqui são raras.

De todo modo, o Entrelinhas em si tem uma proposta um tanto diferente do que tais oficinas propõem no geral. O Entrelinhas é um clube, não são aulas, não é um curso. Gostamos de apresentá-lo como se fosse um “clube do livro”, só que um clube de escrita, pois a analogia ajuda. Como clube, ele carrega em si o espírito de comunidade. Nele, somos tão participantes quanto as outras pessoas que o frequentam, isto é, estamos à frente do projeto na medida em que zelamos para que ele siga existindo, mas, em cada encontro, não somos mais do que mediadoras participantes. Apresentamos as propostas que trouxemos para aquele dia, e então tudo segue seu fluxo, aos moldes do que cada um deseja criar.

Nosso clube é uma roda descontraída de escrita e diálogo em que oferecemos atividades para todos escreverem livremente. Essas atividades nada mais são do que todos escrevermos inspirados por algo em comum, que pode ser uma imagem, um som, um texto. Esses exemplos ajudam a ilustrar, mas as possibilidades de estímulos que podem ser trazidos são diversas e incontáveis. O “estímulo”, portanto, é apenas uma fonte de inspiração. Cada um irá experienciá-lo à sua maneira e criar o que quiser, do modo que quiser, não existem amarras. Assim, mesmo quando propomos atividades um pouco mais específicas, o participante é livre para “subvertê-las”.

Apesar de escrevermos a partir de algo em comum, os resultados são sempre variados. Marcamos um tempo (em geral, cerca de 10 minutos) e incentivamos os participantes a não se preocuparem com revisar o texto. Afinal, o tempo é curto, e, para que a criatividade se manifeste, raciocinar demais pode obstruir o caminho. É por isso que buscamos colocar o perfeccionismo de lado e deixar as ideias fluírem.

O Entrelinhas é, ainda, um incentivo para colocarmos em prática aquilo que a procrastinação não nos deixa pôr no papel em nosso dia a dia. Para aqueles que

estão sempre querendo escrever, funciona bem frequentar um clube como esse, pois é um espaço destinado a isso que fica reservado na agenda do escritor. Nossos encontros são quinzenais, sempre ao segundo e quarto sábado do mês, e acontecem à tarde. Aos que não têm lá muita experiência, não é necessário ter, todos são capazes de participar. Até mesmo pessoas que nunca escrevem textos mais “literários” e “ficcionais”, por assim dizer, encontram-se com a sua criatividade e tiram proveito dela.

Ao fim do tempo cronometrado, todos são convidados a ler em voz alta, em uma partilha — sem que isso seja uma obrigação, é claro. O que tem acontecido até o momento é que mesmo aqueles que geralmente não se sentem tão à vontade em mostrar seus escritos acabam querendo participar e ler também. Todos têm ciência de que aqueles são textos que acabaram de ser escritos, textos que ainda não passaram por um momento mais apurado de revisão, e é por isso que não faz sentido tecermos críticas rigorosas acerca de escritos que, em sua maioria, nem foram finalizados. A menos que alguém opte por ouvir as críticas — deixamos claro que existe essa opção —, pedimos para os participantes focarem no que gostaram, no que os tocou ou que acharam que fez sentido naquele texto. Normalmente, eles também compartilham suas interpretações sobre o que foi lido. Não é preciso que todos comentem; na prática, porém, os presentes sempre se mostram participativos.

Outra característica marcante do Entrelinhas é que ele é um clube itinerante, ou seja, cada encontro acontece num lugar diferente. Queremos explorar nossa cidade, levar a escrita para os tantos lugares que Brasília tem a oferecer e aos quais comumente não iríamos para escrever. Dessa maneira, o Entrelinhas é um convite para sairmos de casa, conhecermos novos espaços e novas pessoas, o que, inclusive, pode ser bastante inspirador. Nesse sentido, uma preocupação do Entrelinhas é que ele seja acessível, pois, se queremos uma verdadeira democratização da literatura, a criação literária deve ser considerada nesse acesso. Pensando nisso, priorizamos lugares gratuitos e de fácil acesso, num horário viável para o transporte público. Portanto, o Entrelinhas começa às 15h30 e tem por volta de duas horas de duração. Afinal, ter direito à leitura não é o suficiente, é preciso possibilitar que as pessoas percebam que têm direito à voz, que podem sim escrever se desejarem, e dar a elas possibilidades reais para tal.

Considerações finais

O que nos faz humanos? Dentre tantas possibilidades, certamente não há uma única resposta. Aqui, oferecemos nossa contribuição para parte dela: afinal, não seriam nossa fabulação e nossa criatividade uma parcela dessa humanidade? O historiador Yuval Noah Harari não é o único a tomar partido de sua importância. Em sua obra *Sapiens: uma breve história da humanidade*, ele afirma que é essa capacidade de criar narrativas que permitiu ao homo sapiens sobreviver ao longo de sua evolução. Como ele, Nathalie Letouzé reitera, em sua tese de doutorado — *A vida secreta das narrativas* —, que é por sermos capazes de narrar que somos quem somos, e discorre:

O historiador [Harari] vai mais além e afirma que só somos capazes de nos organizar em agrupamentos acima de 150 pessoas a partir do momento em que compartilhamos mitos comuns, [...] ou seja, também o mito é uma narrativa, de modo que só somos capazes de nos organizar acima de 150 pessoas a partir do momento em que compartilhamos narrativas comuns, que acreditamos nas mesmas histórias... (2019, p. 89)

Consoante as conclusões de Harari e Letouzé, pensar a questão da escrita criativa na universidade, em especial no curso de Letras, levou-nos ao encontro desses aspectos cruciais ao ser humano. É por isso que acreditamos na escrita criativa na universidade e em como o senso de comunidade é importante nesse espaço de formação coletiva. Desse modo, para defendermos um verdadeiro direito à fabulação, à criatividade e, finalmente, à literatura, concordamos que o acesso à prática literária é tão importante quanto o acesso à leitura. Se a literatura é uma arte, ela não pode ser reduzida à racionalização; literatura não é apenas ciência. Ao fim destas breves páginas, propomos um último questionamento: ao sufocarmos a esfera artística da literatura, não estamos pondo em risco o que lhe confere a sua essência?

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. “O estímulo à criatividade no contexto universitário”. *Psicologia Escolar e Educacional*, p. 29-37, 1997.
- CANDIDO, Antonio. “O Direito à Literatura”. **Vários escritos. 3ª ed. revista e ampliada**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DESPRET, Vinciane. “O que diriam os animais se...” In: **Caderno de Leituras n.45**. Belo Horizonte: chão da feira, 2016.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Martins Fontes, 2010. Tradução de: Vera Ribeiro.
- FEYERABEND, Paul. 2011[1975]. “Introdução à edição chinesa”; “Introdução”. In: **Contra o Método**. São Paulo: Editora Unesp.
- LETOUZÉ, Nathalie. **A vida secreta das narrativas: técnicas narrativas na ficção contemporânea**. 2019. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- MORICONI JÚNIOR, Ítalo. Apresentação; “Posfácio à moda da casa”. In: PROSE, Francine. **Para ler como um escritor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de: Maria Luiza X. de A. Borges.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009. Tradução de: Arthur Bueno e Camila Boldrini.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SONTAG, Susan. “Contra a interpretação” In **Contra a interpretação**. Brasiliense. Tradução de Ana Maria Capovilla
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- OSTROWER, Fayga. “A Criatividade na Educação”. 1981. Disponível em: <https://faygaostrower.org.br/livros-e-videos/artigos-e-ensaios>. Acesso em: 29 ago. 2019.